

O MAPA MERCATOR E O MODERNO SISTEMA-MUNDO

THE MERCATOR MAP AND THE MODERN WORLD-SYSTEM

CARLA MONTEIRO SALES

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
carla.msales@gmail.com

RESUMO. O longo século XVI foi o berço do moderno sistema-mundo (QUIJANO *et al.*, 1992), mesmo período de elaboração da projeção Mercator para mapa-múndi. Longe de ser coincidência, essas duas produções são frutos de um mesmo contexto geopolítico que definia, gradualmente, a hegemonia europeia. De fato, existiu uma relação de influência mútua entre eles: a expansão mercantilista era guiada por essa representação, que por sua vez, passou a ser amplamente utilizada e difundida como padrão de mundo. A presente pesquisa tem por objetivo elucidar essa relação entre a projeção Mercator e o moderno sistema-mundo, e ao mesmo tempo, destacar os discursos geopolíticos que esse mapa ainda sustenta. A análise do sistema-mundo propõe uma perspectiva histórica e relacional que reconhece as assimetrias e heterogeneidades econômicas e sociais entre os países do mundo. Para tal, retoma-se o contexto da exploração colonial, um elemento essencial para a integração desse sistema, como também para hierarquizar e regulamentar as interações entre os estados (LANDER, 2005). Isso porque, através da colonialidade, a Europa fixa-se como referencial de modernidade e cientificidade para o resto do mundo, como se toda a trajetória histórica mundial culminasse na Europa, criando um padrão único para o reconhecimento dessas heterogeneidades do sistema-mundo. Esse processo também englobou as produções cartográficas, estabelecendo um padrão científico e de confiabilidade para os mapas europeus e inferiorizando os mapas pretéritos e de culturas primitivas (HARLEY, 1989). Sabe-se que a projeção Mercator foi elaborada visando auxiliar as navegações europeias, porém, devido ao seu contexto de elaboração, ela foi difundida como representação verossímil do mundo, justamente por se basear em padrões científicos e matemáticos, ocultando suas distorções e intenções. Nesse sentido, notamos que a projeção Mercator e o moderno sistema-mundo foram ambas criações da padronização e hegemonia europeia, o que fomentou uma mudança de imaginário na descrição e entendimento do mundo. Esse imaginário geográfico, entendido como construção simbólica mediante a qual uma comunidade se define (MIGNOLO, 2005), é estruturado pela associação entre um discurso e seu aporte em imagens, que é justamente a relação que tentamos traçar entre Mercator e sistema-mundo moderno.

PALAVRAS-CHAVE. SISTEMA-MUNDO, MERCATOR, MAPA-MUNDI.

ABSTRACT. The long sixteenth century was the birthplace of the modern world-system (QUIJANO *et al.*, 1992), and the same period of conception of the Mercator projection for a world map. Far from being a coincidence, these two productions result from the same geopolitical context that gradually defined European hegemony. In fact they were reciprocally influential: mercantilist expansion was guided by that representation, that in turn became widespread as a standard of the world. This research has the objective of enlightening this relation between the Mercator projection and the modern world-system, and at the same time to highlight the geopolitical discourse still sustained by this map. The analysis of the world-system proposes a historical and relational perspective that recognizes the asymmetries and heterogeneity of both economic and social aspects between countries of the world. For such we return to the context of colonial exploitation, an essential element for the integration of this system as well for the establishment of a hierarchy and for the regulation of the interaction between States (LANDER, 2005). That because, through colonialism Europe fixated itself as the referential point of modernity and science for the rest of the world, as if worldwide historical trajectory culminated in Europe, establishing an unified European standard for the recognition of these heterogeneous aspects of the world-system. This process also encompassed the cartographical productions, establishing a reliable scientific standard for European maps and thus relegating the older maps and those of primitive cultures (HARLEY, 1989). It is known that the Mercator projection was devised in hopes of assisting the European sail expeditions, although due to the concept of its inception, it was disseminated as the credible representation of the world, precisely because it is based on mathematical and scientific standards, hiding then its distortions and intentions. Accordingly we noticed that the Mercator projection and the modern world-system were both creations of European standardization and hegemony, which fostered change in the imaginary of the world, its description and understanding. This geographical imaginary understood as a symbolical construction through which a community

defines itself (MIGNOLO, 2005), is structured by the association between a discourse and its support with images, which is precisely the relation we are trying to trace between the Mercator projection and the modern world-system.

KEYWORDS. WORLD-SYSTEM, MERCATOR, WORLD MAP.

APRESENTAÇÃO E PROBLEMÁTICA

Um conhecimento experimentado sobre o mundo só é possível em fragmentos, logo, as ideias sobre as interações e divisões globais são mediadas, procedentes de discursos, teorizações, descrições e representações. Assim, quando pensamos em como conhecemos o mundo, em como adquirimos nossas formas de pensar sobre ele, não podemos buscar apenas experiências, mas também considerar as imagens, sejam elas reportagens, guias de revistas, pinturas ou mapas (SHARP, 2009).

Com tal premissa é que consideramos complementares a noção de sistema-mundo e a representação do mapa-múndi Mercator. Essa famosa projeção de mapa foi elaborada e divulgada no século XVI, mesmo século que Wallerstein (2006) aponta como inicial para a configuração de sua teoria do moderno sistema-mundo. Trata-se de duas concepções de mundo bastante difundidas, uma imagética e outra textual, que adquirem, conseqüentemente, poder de influência em nossas ideias sobre o mundo.

Nesse sentido, as semelhanças apontadas não são encaradas como coincidências. Ao invés, acreditamos existir uma mútua influência entre essas partes que procuram ser esclarecidas pelos seguintes questionamentos: quais contextos presentes no século XVI influenciaram a elaboração dessas visões de mundo? Quais são os pontos de interseção entre essas teorias? E de que modo a projeção Mercator corrobora com o sistema-mundo moderno?

Guiados por tais questionamentos, objetivamos entender as possíveis influências que a imagem da projeção Mercator exerce sobre a configuração de uma ideia de sistema-mundo moderno. Tal ideia teve destaque nas discussões geopolíticas, sendo uma das mais importantes teorias para agrupar países de acordo com certa característica estabelecida e fazer regionalizações do mundo. Sua abordagem requer pensarmos sobre a sociedade em termos geográficos e históricos amplos, resultando em uma análise geopolítica capaz de situar eventos políticos locais em um contexto amplo global (FLYNT *et al.*, 2011). Desse modo, reduz a necessidade de compreensão e explicação sobre as particularidades locais de cada sociedade, para compreendê-las através do amplo contexto fornecido pelas esquematizações do sistema-mundo moderno.

De fato, os estudos da geopolítica comumente apontam para modos de dividir o globo, formando “mundos” distintos um dos outros. Na sua incumbência de interpretar fatos políticos do mundo, acaba por incorporar significado a esses fatos e seus agentes. Com isso, espaços globais são rotulados, metáforas são empregadas, e imagens visuais são usadas nesse processo de fazer história e construir imagens do mundo político (Ó TUATHAIL, 2006).

É nesse sentido que destacamos a importância das imagens nas investigações geopolíticas. Discursos e imagens têm qualidades sedutoras para transformar a opacidade das explicações sobre a política mundial em uma figura aparentemente clara e objetiva. Com isso, consideramos apropriado que a ideia de sistema-mundo moderno teve seu embasamento no posicionamento

de países fornecidos pela projeção Mercator, em uma associação que reflete as intencionalidades do contexto do século XVI.

Complementarmente, ressaltamos o entendimento do papel político das representações cartográficas, pois se a geopolítica reconhece a intensa relação entre espaço e poder deve reconhecer também o mapa enquanto um artifício central desse processo. Isso porque os mapas ligam certas formas de conhecimento espacial à assuntos e objetos, o que leva a um direcionamento de uma ordem social ao território e a uma efetiva influência no modo como passamos a conhecer os espaços (BLACK, 1997). Através do mapa o mundo é normatizado e disciplinado (HARLEY, 1989), ações essas guiadas pelos interesses políticos sobre os espaços.

Pelo exposto, tentamos justificar a importância que as imagens, principalmente os mapas, possuem na influência de concepções e teorias geopolíticas. Tal justificativa torna-se necessária devido às escassas análises que seguem por esse viés, podendo causar certo desconforto pela falta de materialidade e de estudo de conflitos tão comuns nas pesquisas geopolíticas. Entretanto, as produções culturais e os discursos sociais não são tão dissociados assim da materialidade. Ao contrário, ressaltamos a relevância da argumentação de Said (2007) em expor que as imagens de mundo são partes constitutivas da realidade justamente pelo modo como são associadas ao conhecimento e ao poder, em uma clara alusão às ideias foucaultianas, interferindo no modo como nos relacionamos e intervimos em diferentes espaços.

Tendo isso em vista, Wallerstein (2006) nos coloca que o sistema-mundo moderno é uma criação social, com uma história, com origens que devem ser explicadas, mecanismos presentes que devem ser delineados. No desprendimento dessa análise é que encontramos relações com a elaboração da projeção Mercator, principalmente no que diz respeito ao contexto do século XVI, onde a racionalidade científica e a expansão colonial tiveram forte influência na configuração desse sistema e desse mapa.

DISCUSSÃO E INTERLOCUÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Apesar da ampla familiaridade que temos com a imagem de mundo em sua projeção Mercator, essa não deve ser entendida como verdadeira ou fidedigna à aparência real do planeta. Esse viés de verdade é comum nas representações cartográficas de modo geral, tornando-se um dos maiores obstáculos para o aprofundamento de análises e reflexões críticas sobre essas representações (HARLEY, 1989). A superação dessa limitação abriria caminhos múltiplos para percepção do mapa como uma construção política, ou seja, reconhecendo seu desempenho como um mecanismo de poder que dá suporte aos discursos geopolíticos.

Uma das proposições que surgem dessa constatação é a da leitura de mapas, em uma metáfora textual. Nesse sentido, retira-se o foco da elaboração técnica da cartografia e atenta-se para as produções culturais de discurso sobre o território expressos no mapa. Em comparação a um texto, reconhecemos que “aprendemos a ler criticamente textos, chegando ao refinamento de desvendar sua ideologia, intenções e opções teóricas e metodológicas, mas não aprendemos a fazer exercício semelhante em relação aos mapas” (GIRARDI, 2000: 43).

O posicionamento crítico frente às representações e mensagens expressas pelos mapas foi enaltecido pela corrente da Cartografia Crítica a partir da década de 1980. Um de seus principais

preceitos é destacar os contextos históricos e sociais que guiam as representações cartográficas, mas que são omitidos pelas estratégias científicas de neutralidade e exatidão (WOOD, 2006). Nesse sentido, o mapa só pode ser compreendido e lido em sua totalidade se levamos em conta as demandas sociais e ideológicas que influenciaram sua elaboração.

Assim, devido às várias críticas já destinadas ao mapa Mercator, é comum associá-lo ao seu contexto histórico de serventia às grandes navegações. Por tais razões esse mapa apresenta uma concepção cilíndrica do globo, com meridianos paralelos ao invés de convergirem no polo, o que facilita a utilização do compasso e medição das rotas marítimas (HARLEY, 2009). Em suma, aceitamos que a ampliação distorcida dos países das altas latitudes, que faz com que as terras temperadas sejam bem maiores, é consequência das necessidades das grandes navegações.

Entretanto, essa explicação recai no problema da análise unicamente técnica, que deve interessar muito mais à cartografia do que à geografia (GIRARDI, 2000). Um entendimento geográfico sobre o mapa Mercator deve considerar a influência social e ideológica de seu contexto histórico. Nesse sentido, para além das grandes navegações, temos o evento geopolítico das conquistas coloniais, cujos interesses podem ser lidos no mapa Mercator.

Ao ser reproduzida intensamente como imagem do mundo a projeção Mercator tornou-se padrão no mapa mental de muitas pessoas, transformando uma ajuda aos navegadores em uma representação ideologizada do mundo (SEEMAN, 2003). Em tal representação a Europa sobrepõe a porção central do mapa, com dimensões territoriais de seus países desproporcionalmente maiores. Assim, os países do norte são fixados no topo de nossa imagem mental sobre o mundo, ocupando grande porção das terras do planeta; enquanto ao sul é delegada a parte inferior, ficando com menos do que a metade do mapa (BLACK, 1997).

Tal qual pondera Harley (2009), também duvidamos que o próprio Mercator “tenha tido consciência da influência do seu mapa sobre a visão hegemônica mundial dos Europeus” (HARLEY, 2009: 12). Porém, tendo em mente o contexto colonial, passamos a ver o fato de que a Europa esteja situada no centro do mundo nesta projeção, e que a superfície das massas terrestres esteja tão deformada, favorecendo um sentimento de superioridade dos europeus. Com isso, os estados coloniais brancos aparecem relativamente maiores sobre o mapa do que aqueles que eram apenas as colônias, o que nos convida a ver tal projeção como uma profecia geopolítica (HARLEY, 2009).

Diante do exposto, nosso intuito não é decretar a extinção da projeção Mercator devido a suas falhas. Apenas acreditamos já ter findado o momento de encarar esse mapa como uma representação do mundo *em si*, para então ampliar sua utilização como visão de mundo possível. Retomamos, nesse momento, a ideia de que os mapas devem ser lidos como um texto, que revele os contextos de produção e objetivos da autoria. Desse modo, se a projeção Mercator é comumente acompanhada da ressalva explicativa de adequar-se às grandes navegações (o que é uma explicação unicamente técnica), também pode e deve ser acompanhada da ressalva de ser fruto do seu contexto do longo século XVI (o que é uma explicação mais geográfica).

Estamos falando, então, do mesmo século em que é gestado o moderno sistema-mundo (WALLERSTEIN, 2006). Disso, concluímos ser o século XVI um período de formulações de ideias sobre o mundo, sejam teóricas ou representacionais. De fato, alguns fenômenos e características mundiais importantes começaram a ser delineadas no século XVI. Com o auge das grandes

navegações empreendidas pelos europeus, teremos a emergência do circuito comercial do Atlântico (MIGNOLO, 2005) e, também, o estabelecimento de um novo padrão de poder mundial eurocentrado (QUIJANO, 2005), ambos acarretam em mudanças na história do capitalismo. Por conseguinte, ambos influem no sistema mundo-moderno, visto que essa noção é uma face da mesma moeda da economia-mundo capitalista (FLYNT *et al.*, 2011).

Apesar da teoria do sistema-mundo moderno ter formulação na década de 1970, para Wallerstein (2006) as ciências sociais devem dar mais atenção, em suas recentes análises, aos pontos pretéritos importantes na configuração do moderno sistema-mundo, dentre os quais estaria o longo século XVI e seu contexto de configuração desse sistema. O autor ainda argumenta que tal análise é necessária como uma expressão de “protesto contra as profundas desigualdades sociais do sistema-mundo que ocupam o centro político de nosso tempo” (WALLERSTEIN, 2006, p. 4).

Assim, corroboramos com a importância de analisar o contexto social do século XVI, mas principalmente para considerar o imaginário ocidental que se fixou no referido período. Ao pensar o sistema-mundo moderno, vários autores destacam acontecimentos pertinentes ao século XVI que trouxeram mudanças importantes e passaram a figurar e guiar tal imaginário. Primeiramente, segundo Wallerstein (2006), foi no referido século que se deu o “divórcio” entre filosofia e ciência, passando a valorizar a observação empírica como único modo de chegar à verdade científica. A filosofia seria excluída desse conjunto por ser considerada dedutiva e especulativa, ao passo que a ciência traria segurança da proximidade com a precisão, através de sua formulação de leis gerais, que carregam consigo narrativas universalistas, inaugurando uma linha evolutiva de todos os povos, do primitivo ao moderno.

Em segundo, Mignolo (2005) destaca a exterioridade desse período, ou seja, a intensificação das relações com outros povos que resulta na definição da diferença nesse imaginário, sendo focado na emergência do circuito comercial do Atlântico no século XVI, conectando América e Europa. Com isso, outros circuitos são interligados, novas centralidades comerciais surgem, e novas relações sociais são estabelecidas, o que transforma definitivamente o século XVI como referencial do imaginário moderno.

De fato, ambos os acontecimentos do século XVI contribuem na formulação da noção de modernidade. No contexto da cientificidade, as categorias e conceitos fincados são universais, transpostas para qualquer realidade, o que resulta em padrões a partir dos quais se fixam proposições normativas que definem o “deve ser” para todos os povos do planeta (LANDER, 2005). Com a busca da observação empírica, a história ocidental foi posta como universal (ou normal), em oposição à classificação dos demais povos como primitivos ou deficientes, por ainda não terem alcançado esse padrão difundido a partir da Europa, através da noção de modernidade. No contexto do circuito comercial do Atlântico, as relações não são apenas comerciais, mas também ideológicas. Assim, “(...) uma estratégia da modernidade desde o momento da expansão da cristandade para além do Mediterrâneo (América, Ásia), que contribui para a autodefinição da Europa, e foi parte indissociável do capitalismo, desde o século XVI” (MIGNOLO, 2005, p. 74).

É justamente esse o contexto histórico-cultural do imaginário que fornece os pressupostos principais dos conhecimentos sociais modernos. Para Lander (2005), esse conhecimento é articulado através da ideia de modernidade que, segundo o autor, apresenta quatro dimensões básicas: **1)** A

visão universal da história associada a ideia de progresso; **2)** a “naturalização” das relações sociais e da sociedade liberal-capitalista; **3)** a naturalização ou ontologização das divisões e separações da sociedade; **4)** a superioridade dos conhecimentos científicos e experimentados sobre qualquer outra forma de conhecimento.

Nesse sentido, a divisão do sistema-mundo moderno tem início a partir dessas dimensões do século XVI, onde, pela primeira vez, se organiza a totalidade do espaço e do tempo numa grande narrativa universal. Nessa narrativa, com auxílio dos preceitos de neutralidade e cientificidade, a Europa é posta como centro geográfico e culminação de todo o movimento temporal (LANDER, 2005). São vários os escritos científicos que corroboram com essa ideia, mas para a fixação central da Europa o mapa Mercator torna-se fundamental. Mesmo diante de suas intencionais distorções, essa projeção cartográfica foi reproduzida como padrão neutro e científico nos séculos seguintes a sua elaboração.

Portanto, não foi a precisão que fez da projeção Mercator um padrão, mas sim sua adequação aos interesses geopolíticos do século XVI. Era convenientemente apropriada a distorção expandida dos países de altas latitudes em comparação às baixas latitudes, visto que os primeiros eram formados pelas metrópoles expansionistas; enquanto os segundos eram formados, predominantemente, por colônias. Do mesmo modo, o posicionamento da Europa na porção central do mapa fixa um ponto de referência para todos os demais pontos, até porque o posicionamento centralizado marcou diversas representações cartográficas ao “adicionar forças e sentidos geopolíticos à representação” (HARLEY, 1989:6).

Não pretendemos, com tais ponderações, condenar a projeção Mercator ao desuso, apenas atentar para o perfeito casamento entre tal imagem de mundo e o projeto de modernidade que se colocava no século XVI. Nas palavras de Brian Harley (2009), a projeção Mercator seria, no mínimo, uma profecia geopolítica devido a suas distorções e posicionamentos selecionados. Do mesmo modo, não argumentamos que a projeção Mercator foi responsável pela divisão do sistema-mundo ou pelas desigualdades dele. Muitos autores já demonstraram que as relações sociais de trabalho, as trocas comerciais e as influências políticas foram essenciais nesse processo e corroboramos com sua visão. Nosso intuito é apenas destacar que tais ações e discursos atingem maior eficiência ao serem associadas e aportadas por representações imagéticas que, didaticamente, influenciam nossa visão de mundo.

Desse modo, a formulação do sistema-mundo moderno e da projeção Mercator são produtos da modernidade e da racionalidade científica, movimentos comandados e difundidos pela Europa. Portanto, tais formulações auxiliam o pensamento e organização da totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista da própria experiência europeia, colocando sua especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal. Ao passo que, as demais formas de conhecimento e organização social são transformadas não apenas em diferentes, mas em arcaicas, primitivas, pré-modernas ou não desenvolvidas. Tal qual nos elucidava Lander (2005:34): “São colocadas num momento anterior do desenvolvimento histórico da humanidade, o que, no imaginário do progresso, enfatiza sua inferioridade”.

Esse entendimento de progresso permeou as hierarquizações do sistema-mundo moderno. Nesse sentido, a Europa não somente tinha o controle do mercado mundial, mas pôde impor seu

domínio colonial sobre todas as regiões e populações do planeta, incorporando-as ao “sistema-mundo”, que se constituía justificado pela representação de mapa-múndi, como padrão único e preciso. Essa representação totalizante auxilia a incorporar as diferentes histórias culturais dos povos em um único mundo, onde a Europa fixa-se como referência. Nas palavras de Quijano (2005: 236), “como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e em especial do conhecimento e da produção do conhecimento”.

Assim, para fixar a Europa como centro do mundo representado e referência histórica da sociedade, tornou-se primordial associar tais ideais à noção de cientificidade. A já mencionada ruptura entre filosofia e ciência instituída no século XVI (WALLERSTEIN, 2006) tem aqui um papel primordial, qual seja atribuir características de neutralidade, veracidade e razão à essas construções de conhecimento da projeção Mercator e da hierarquização do sistema-mundo moderno. Desse modo, a Europa como centro da história mundial é corroborada pelo centro da representação cartográfica de mundo, fornecendo à noções eurocêntricas sentido de cientificidade e racionalidade.

A projeção Mercator, como síntese imagética do mundo, sugere uma divisão e hierarquização de um conjunto de países. Enquanto a Europa é fixada na porção central do mapa, as demais áreas do globo são definidas em relação a ela, dentre os quais: Oriente x Ocidente, Novo mundo x Velho mundo, Norte x Sul, Tradicional x Moderno, e assim sucessivamente. Essas divisões, visualmente representadas no mapa-múndi, apresentam grande influência na organização do sistema-mundo moderno, corroborando com sua atribuição de funções e características tais áreas.

No memorável artigo escrito a quatro mãos por Quijano e Wallerstein (1992), esses autores elucidam a participação fundamental da “construção geosocial Américas” na formação do sistema-mundo moderno. Nesse sentido, o “Novo mundo” do século XVI não foi incorporado a um sistema-mundo já existente, mas sim contribuiu primordialmente para sua configuração. Isso porque três coisas eram essenciais para o estabelecimento de uma economia-mundo capitalista: uma expansão do tamanho geográfico do mundo em questão; desenvolvimento de diferentes zonas econômicas, e definição de maquinários estatais relativamente mais fortes, que seriam o estados-centrais do sistema-mundo capitalista (WALLERSTEIN *apud* QUIJANO *et al.*, 1992).

Nesse sentido, as Américas tornam-se essenciais para as duas primeiras necessidades desse sistema. Sua dinâmica colonial resulta na criação de uma série de Estados conectados juntos, tanto em um sistema, como em um mapa, de interestados em camadas de hierarquia. Onde, durante os três primeiros séculos do sistema-mundo moderno, todos os Estados da América eram coloniais subordinadas politicamente a algum Estado europeu (QUIJANO *et al.*, 1992). Em outras palavras, a colonialidade era essencial para a integração do sistema interestados, criando não só um ranking, mas uma série de regras para a interação dos Estados uns com os outros.

Nesse sentido, as relações e hierarquias que caracterizam a teoria do sistema-mundo são baseadas em noções de modernidade e racionalidade associadas à colonialidade. Os europeus geraram uma nova perspectiva temporal da história e re-situaram os povos colonizados no passado de uma trajetória histórica que culmina na Europa. Com isso, a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos da Europa Ocidental, e o resto do mundo codificado em oposição às qualidades europeias (QUIJANO, 2005). Assim, a teoria do sistema-mundo não

deveria apenas ser justificada pelas noções de modernidade, mas expandida para os mecanismos de colonialidade que tanto marcaram o século XVI como estabeleceram as relações hierárquicas continuamente presentes nesse sistema.

RESULTADOS PARCIAIS

Em suma, os contextos do século XVI que tanto influenciaram a formação do sistema-mundo são os mesmos que demandaram uma representação de mundo que indicasse a centralidade e grandiosidade dos países europeus. Não afirmamos que a projeção Mercator foi elaborada já com tal visão, mas que foi intensamente reproduzida como padrão único de mundo devido à sua adequação aos projetos engendrados no século XVI, fornecendo um aporte visual às divisões hierárquicas do moderno sistema-mundo que é mais facilmente compreendido no nosso imaginário geográfico.

Destarte, as justificativas normalmente dadas para as distorções da projeção Mercator, como sua serventia para as navegações, poderiam ser ampliadas, de modo a abarcar seus contextos geopolíticos. Até porque, a associação desse mapa às grandes navegações é unicamente técnica e especificamente datada, ou seja, justifica apenas sua elaboração. Já a sua reprodução e fixação como modelo-padrão só pode ser justificada pelo contexto geopolítico do século XVI marcado pela ascensão hegemônica europeia, inclusive para continuarmos a manutenção dessa imagem de mundo por séculos mais tarde.

Esse debate que resgata os impulsos geopolíticos pretéritos da projeção Mercator e da teoria do sistema-mundo moderno, ressaltando os contextos e ideologias do século XVI, adquire relevância por destacar as semelhanças entre as influências de sua formulação e as de sua manutenção até os dias atuais. Ou seja, devemos questionar os motivos que levam a uma permanência de utilização da projeção Mercator e da teoria do sistema-mundo, mesmo sendo produtos de um contexto passado. Nesse sentido, a falta de alternativas ou reflexão sobre tais construções indica uma proximidade entre as ideologias geopolíticas hegemônicas do século XVI com as atuais, tanto no mapa quanto no sistema-mundo moderno.

REFERÊNCIAS

- BLACK, J. *Maps and Politics*. London: Reaktion Book, 1997.
- FLYNT, C.; TAYLOR, P. *Political Geography, World-economy, Nation-state and Locality*. New York: Pearson, 2011.
- GIRARDI, G. Leitura de mitos em mapas: Um caminho para repensar as relações entre Geografia e Cartografia. *Geografales*, v.1, n.1, 2000.
- HARLEY, B. Deconstructin the map. *Cartographica*. v. 26, n. 2, p. 1-20, 1989.
- _____. Mapas, Saber e Poder. *Confins*, n. 5, 2009.
- LANDER, E. Ciências Sociais: Saberes Coloniais e Eruocêntricos. In: _____ (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- MIGNOLO, W. A Colonialidade de Cabo a Rabo: O Hemisfério Ocidental no Horizonte Conceitual da Modernidade. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

- Ó TUATHAIL, G. General Introduction. In: Ó TUATHAIL; DALBY, ROUTLEDGE (Orgs). *The geopolitics reader*. Routledge, 2006.
- QUIJANO, A.; WALLERSTEIN, I. Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system. *Internacional Journal of Social Science*, n. 134, p. 549-557, 1992.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEEMANN, J. Mercator e os Geógrafos: em busca de uma “projeção” do mundo. *Revista de Geografia da UFC*, Ano 2, n. 3, pp. 7-18, 2003.
- SHARP, J. *Geographies of Postcolonialism*. London: SAGE Publications, 2009.
- WALLERSTEIN, I. *Análisis del sistemas-mundo*. Una introducción, México D.F., Siglo XXI Editores, 2006.
- WOOD, D. Map Art, *Cartographic Perspectives*, n. 53, p. 6-12, 2006.